



MONSANTO

E' hoje que se comemora a esca-
lada de Monsanto. Todos se recor-
dam bem do papel preponderante
que nessa acção teve o povo de Lis-
boa, que acudiu das oficinas a salvar
a república.

Os monárquicos preparavam-se
para escalar o poder. O operariado
compreendeu nitidamente o que isso
queria dizer. Sem chefes, nem me-
neurs, tal como as massas se orga-
nizam os trabalhadores surgiram em
clama, heróicos na sua dedicação
sublime, oferecendo a vida com sim-
plicidade.

Era necessário subir até Monsan-
to, onde os monárquicos se haviam
enrriquecido e onde tinham uma
fôrça militar suficiente para conter
em respeito outra gente menos ani-
mosa. No entanto era preciso varrer
dali aquele escarro atirado à liber-
dade e o povo, crepitante como uma
chama, afogueava poucos instantes
depois a crista do monte devorando
tudo na sua passagem.

Um feito destes na guerra da Eu-
ropa feriu tido uma repercussão uni-
versal. E se se acrescentar que se
tratava dum gesto espontâneo, duma
com que guerrilha improvisada,
como voluntários vindos de todas
as partes, sem treino militar e sem
um lugar oficial a defender à mesa
do orçamento, ter-se há a medida
exacta do que foi esse grande acto
colectivo, cuja glória cabe ao povo
operário de Lisboa.

Pois neste mesmo dia, como se
as lições da história para nada ser-
vissem, não falta quem se propo-
nha repetir as mesmas façanhas po-
líticas que acabaram por nos arras-
tar até Monsanto, aos conservadores
para esquarterarem a república, a
elementos avançados para a defen-
derem. Não falta quem agora como
então fale muito em ordem, em prin-
cípio da autoridade, em respeito
pela propriedade e se confie para
fazer vingar todas essas coisas sa-
cratíssimas.

Voltaremos mais uma vez a Mon-
santo?

Parce-nos que a sorte dos homens
da direita estará em a sua covardia
ou não deixar tentar a experiência.
E que as desilusões que o povo teve
ao ver o caminho que a república
levou logo após a jornada de Mon-
santo não consentirão que os defen-
sores das liberdades já conquistadas
de pronto se entreguem nas mãos
de dirigentes que tam pouca conta
sabem dar da missão de tamanha
responsabilidade que teem tomado
sobre os seus ombros.

Não deixará o operariado de
acudir na hora do perigo, contra os
inimigos do regime; que o são tam-
bém seus. Mas não aparecerá tam
confiadamente, pondo-se ingenua-
mente à disposição dos políticos e
aguardando que, depois do triunfo
nas ruas, eles façam a defesa da
população.

Não, se as direitas alguma coisa
tentarem para reduzir as nossas re-
galias, tenham a certeza de que o
sinal que nos derem para pegar em
armas há-de ser aproveitado para
mais alguma coisa do que apenas
defender o que está.

O retalhamento da propriedade

Não nos cansaremos de protestar
contra o que se pretende fazer pe-
la pasta da agricultura. O parcelame-
nto da terra, de modo a consti-
tuir pequenos casais de família. É a
medida mais reacçãoária que se
pode tomar nos tempos modernos
de eclosão socialista e revolucioná-
ria.

Isso mesmo reclamam os católi-
cos espanhóis da Andaluzia, sem se-
terem dito vez nenhuma radicais.
Isso fez-se na Itália para antigos
combatentes da guerra. Fez-se na
Romania, fez-se em toda a parte
onde se precisou deter a revolução
social.

O gesto do sr. Ezequiel de Cam-
pos é, pelo contrário, duma oportu-
na defesa da sociedade capitalista.
O estabelecimento duma classe de
pequenos proprietários numa re-
gião onde se esboçava já um movi-
mento operário rural com objecti-
vos definidos, entre os quais entra-
va a socialização da propriedade

Nem diminuição de salários nem aumento de tempo de trabalho!

O Conselho Confederal emite o seu parecer sobre a acção que o operariado organizado deve desenvolver imediata e permanentemente, para que se mantenham os actuais salários e se consiga reduzir a jornada de labor.

Na reunião do Conselho Confederal
ontem realizada foi aprovado um parecer so-
bre os magnos e palpitantes problemas da
crise de trabalho e da baixa de salários.
Esse parecer que encerra uma análise à ac-
tual situação económica e política, deve ser
conhecido de todo o proletariado, visto de-
finir o plano de acção a seguir para con-
jurar os perigos da hora presente, motivo por
que passamos a transcrevê-lo:

De dupla natureza é o gravame que im-
pende sobre a classe operária. Uma, a crise
de trabalho, o desemprego, que avassala
milhares de operários, uns que de todas as
possibilidades de trabalhar estão privados
e outros que estão sujeitos a trabalho re-
duzido.

A outra, derivante daquela, ou a que
aquela serve de pretexto e que consiste na
ameaça de redução de salários e no aumen-
to de horas de trabalho.

Hábitos tradicionais têm infundido em vá-
rias classes no sentido de se dirigirem aos
governos com o fim de estes solucionarem
as crises, imputando-lhes responsabilidades
directas se as não resolvem.

E' justo reconhecer que alguma razão
existe para tal procedimento, se se atender
a que ao Estado é atribuído o papel de di-
recção superior das relações sociais, e que,
em tais condições, deve proceder por forma
que os interesses e a vida da população
dum país sejam salvaguardados como um
direito incontestável.

Sabido, porém, que o Estado subsiste
como órgão regulador dos interesses e pri-
vilégios do capitalismo privado, os gover-
nos que o servem são em todas as circuns-
tâncias os mandatários directos e respon-
sáveis das entidades, individuais ou colec-
tivas, que possuem e dispõem da riqueza
como um privilégio.

Há entre o governo quem concorde com a baixa de salários e aumento das horas de trabalho

Na actual conjuntura confirma-se aquele
acerto. O actual governo, que se apresen-
ta com um programa liberal teria todo o
interesse político — quer-nos parecer — em
promover o emprego dos sem-trabalho, de

agrícola, não pode deixar de ser
considerado por nós senão como um
apoio dado à sociedade burgue-
sa, para lhe prolongar a existência.

Supõe o ministro da agricultura
que é mais fácil fixar à terra colo-
nos em pequenos traços de terreno e
atende apenas à circunstância de
momento, do aumento rápido da
produção? Mas porque não experi-
mentar ao mesmo tempo os dois
sistemas? Porque não preparar para
o trabalho agrícola grandes exten-
sões de terreno, confiadas a sínci-
catos de trabalhadores rurais e sem
obrigação do seu retalhamento ao
cabo dum certo tempo, mas conti-
nuando a exploração da terra inde-
finidamente?

Pois mesmo, como técnico, não
considera o sr. Ezequiel de Campos
que a grande empresa agrícola, com
um largo desenvolvimento material,
com todos os aperfeiçoamentos mo-
dernos, renderia incontestavelmente
muitíssimo mais por cada homem
que nela trabalhasse com aproveita-
mento? Para que sacrificar, pois, as
ideias de libertação e o próprio pro-
gresso económico, à defesa da bur-
guesia, que lho não agradece? Para
perpetuar mais alguns anos a ex-
ploração burguesa, iremos assistir
ao parcelamento do Alentejo para
alargar o número dos proprietários,
como se isso fôsse da parte dos
trabalhadores rurais dessa região
alguma vez reclamado.

Precisamente porque existe pro-
priedade individual em que há ex-
ploração económica. Se a proprie-
dade não fôsse de ninguém e os
meios de produção estivessem ao
alcance de todos os produtores, nun-
ca seria possível a intromissão na
vida económica dos que nada produ-
zem e enriquecem à custa do tra-
balho dos outros.

Vejam-se ainda os exemplos mu-
lto recentes de vastos terrenos que
foram aforados e outros repartidos
pelos pobres de outros concelhos.
Que é feito hoje desses pequenos
proprietários? Essa medida serviu
apenas para enriquecer meia dúzia;
o resto ficou na miséria. Tudo quan-
to seja retirar do uso comum qual-
quer bens é passá-los ao gozo dos
mais habilidosos e menos escrupu-
losos.

Não; quando nós combatemos a
infâmia que é estar a terra de posse
de quem a não cultiva e impedindo
que ela se torne produtiva, nunca
pregamos a ideia de nos apropriar-
mos em nosso exclusivo proveito

preferência, certamente, nas indústrias em
que os mesmos exerciam a sua actividade
profissional, quando mais não fosse para
assegurar a sua estabilidade no poder, an-
tes e depois das próximas eleições.

Mas, se este governo e o partido que o
acompanha têm interesse em assegurar uma
vitória eleitoral, não pode, contudo, como
sucederia a qualquer outro, furtar-se à in-
fluência e ao poder que mais alto se levanta
dos que representam ou estão ligados às
empresas financeiras, industriais, agrícolas
e comerciais, por natureza conservadoras e
reacçãoárias, e às quais têm que fazer con-
cessões de natureza económica e social, sem-
pre em detrimento do operariado.

Alguns dos actuais ministros têm já esbo-
çado o desejo de que os operários consin-
tam, na redução dos salários e no aumento
das horas de trabalho.

Neste sentido têm procedido já alguns
industriais, numa ou noutra localidade, onde
o espírito de luta de classes e a organização
sindical revolucionária estão menos desen-
volvidos ou em que a crise levou os operá-
rios à miséria mais extrema.

E' uma degradação que não tem o mérito
de contribuir para a solução da crise, antes
contribue para o seu agravamento.

Aqueles ministros deverão ter compreendi-
do nitidamente este facto. Mas a neces-
sidade de fazer concessões aos desejos con-
servadores, reacçãoários e desumanos do
capitalismo privado, em matéria económi-
co-social, leva-os, a esboçar, pelo menos,
desejos (ou será quererem aplicar em Por-
tugal o celebre plano de Dawes?) dos am-
biciosos possuidores da riqueza e a não os
forçar à cessação duma crise, cuja justifica-
ção só se encontra na ganância desmedida
e provocante, continuando a endossar ex-
clusivamente sobre o operariado todo o
peso dum mal de que só essas classes pos-
suidoras são criminosas e conscientemente
responsáveis.

Pretende-se assim, com o pretexto de so-
lucionar a crise, aumentar encargos de or-
dem física e económica à classe operária,
cerceando-lhe ainda regalias já adquiridas,
após longos anos de luta e de sacrifício.

Atentas estas disposições impõe-se uma
energica campanha de oposição. Essa cam-
panha deverá ser preferentemente dirigida
contra o patronato, do qual os governos
são simples, embora interessados, manda-
tários. Esta orientação, devendo estar de
acôrdo com os trabalhos a realizar junto

do governo, em conjugação de sequência,
deverá ser sobretudo caracterizada por um
franco espírito de luta de classes e dentro
deste espírito:

E' necessário fazer uma oposição aos manejos económicos e políticos dos industriais e dos comerciantes

a) Por uma franca e decidida oposição
aos manejos do patronato da indústria e
do comércio, quer estes sejam exercidos
no terreno económico-social, quer com fins
de politiquismo partidário-governamental,
pois serão sempre revestidos dum cunho,
franco ou encobertamente, conservador e
reacçãoário;

b) Por uma oposição enérgica a todas as
tentativas de redução de salários e pela
imediate reconquista de percentagens de
redução em salários que já se haviam esta-
belecidos em qualquer que seja a indústria
ou localidade;

c) Por uma recusa terminante e sistemá-
tica aos convites ou tentativas de elevação
do tempo de trabalho além da jornada de
oito horas;

d) Por uma acção tendente a uma redu-
ção de horas de trabalho nas fábricas e ofi-
cinas e outros trabalhos em laboração, de
modo a estabelecer-se uma equitativa dis-
tribuição de trabalho pelo maior número
de desempregados, generalizando-se assim
um benefício que só a uma parte poderá
ter aproveitado o que de justiça é ser igual
para todos;

e) Por manifestações constantes junto dos
Municípios, forçando-os a realizar todas as
inovações e o máximo de melhoramentos
locais, no caso de a crise persistir, a fim
de se empregar o maior número de desem-
pregados;

f) Por uma acção de propaganda ten-
dente a demonstrar, por uma forma clara e
convicente, como todas as demais, fraca-
mente serão atenuadas por quaisquer me-
didas governamentais ou parlamentares,
mas que só poderá ser debelada em be-
nefício da colectividade pela expropriação
pura e simples de todos os meios de pro-
dução realizada pelo proletariado, por in-
termediação dos seus organismos sindicais
revolucionários, com inteira liberdade de
gestão.

NA RÚSSIA DOS SÓVIETES

As condições de trabalho dos operários alfaiates

Interessantes revelações que a burguesia deve ler antes de abocanhar Revolução Russa

O Sindicato dos Alfaiates teve a curiosi-
dade de mandar perguntar para a Federa-
ção Russa do Vestuário, qual era a situa-
ção em que se encontravam os operários
da indústria de alfaiataria na república so-
viética.

Em boa hora o fez, porque depressa
obteve uma resposta muito completa, para
a qual chamamos a atenção dos burgueses
que tanto mal dizem da República Russa.

A resposta da Federação Russa do Ves-
tuário vem muito a propósito neste mo-
mento de crise, e prova perante o capita-
lismo que não é em vão que um povo ver-
te o seu sangue numa revolução emancipa-
dora.

As condições de trabalho na indústria
em questão, tornaram-se muito mais hu-
manas, marcando bem quanto vantagens foi
a queda do tzarismo brutal que oprimia um
grande povo.

Oxalá os elementos mais avançados da
quele país não descansem nunca na sua luta
por melhores dias e mais benefícios para a
classe trabalhadora.

Diz a Federação Russa do Vestuário, que
neste momento todas as grandes fábricas e
oficinas estão nacionalizadas e formam a
propriedade pública. Todas as empresas
são dirigidas pelos operários. Os directo-
res nomeados com o consentimento dos sínci-
catos, governam toda a produção. A ex-
periência mostrou que os operários, nesta
direcção, têm mais competência do que os
directores burgueses e diversos especialis-
tas de outrora.

Outrora, os operários trabalhavam 12 e
18 horas por dia, sem nunca terem direito
a uma licença. Agora a duração do seu tra-
balho é fixada por lei. Ela não deve, em
nenhum caso, ultrapassar oito horas, e pa-
ra as indústrias particularmente nocivas à
saúde dos trabalhadores sete horas.

Para os adolescentes de 16 a 18 anos está
estabelecido o dia de 6 horas, que é ainda
reduzido a quatro horas para os jovens, de
14 a 16 anos.

Qualquer infracção a esta lei é severa-
mente punida. O trabalho de noite, é abso-
lutamente proibido às mulheres e adoles-
centes, e apenas autorizado para os operá-
rios adultos, logo que o seu emprego seja
exigido pelos particulares interesses da in-

individual dessas terras, mas tam-
bém de as trabalharmos conside-
rando-as da colectividade. Quer
isto dizer que, além do factor mate-
rial do aumento de produção, que
aliás seria ainda maior em grandes
explorações agrícolas, nós conside-

dústria. Mesmo neste caso uma autorização
especial do sindicato é necessária.

Licenças anuais, salário durante a doença, protecção às mulheres

Cada operário ou empregado goza duma
licença anual de 15 dias. Diversos sínci-
catos têm o direito de ultrapassar este mí-
nimo legal, estabelecendo por contractos co-
lectivos licenças obrigatórias mais longas.
Assim na indústria do vestuário está es-
tabelecida uma licença anual de três sema-
nas.

Esta licença é paga pela empresa como
se o operário estivesse ao serviço. Os sa-
lários são fixados por contractos colec-
tivos, concluídos tanto com as empresas do
Estado como com todas as outras empre-
sas. Quanto mais estas últimas se aperfei-
çoam mais os salários se elevam. Por con-
sequência, uma especial atenção é consa-
grada ao aperfeiçoamento técnico das di-
versas empresas e a introdução de moder-
nos processos de fabrico.

Outrora os operários do vestuário não
recebiam salário durante a doença, excep-
tuando-se apenas os operários das gran-
des fábricas e oficinas que estavam segura-
dos de forma que o pagamento do se-
guro era entre eles e patrões.

Mesmo neste caso os socorros recebidos
eram muito miseráveis para que um ope-
rário pudesse resistir. Actualmente todos
os operários, quer eles trabalhem nas em-
presas privadas ou governamentais, gran-
des ou pequenas, estão seguros.

A Aprendizagem-As Faculdades Operárias

Os operários não sofrem nenhuma redu-
ção nos seus salários durante a doença, o
pagamento é feito integralmente pelas em-
presas. Os socorros médicos devidos aos
operários, são extensivos a toda a família e
sempre gratuitos. A mulher quando em es-
tado de gravidez, goza de uma licença de
seis semanas antes do parto e outro tanto
depois do parto, sem deixar de receber o
seu salário por inteiro. Notemos a este
respeito que a licença da doença não está

ramos também o factor de ordem
moral e social.

E', por isso, que nós nos rimos
do radicalismo da reforma agrária
que só se desculparia se tivesse sido
feita pelos primeiros reis de Por-
tugal.

UMA DITADURA DE LADROES

Quem conhece a psicologia dos
homens de negócios e lhes vislumbra
o seu espírito regressivo, a sua
estreiteza mental, o seu egoístico
utilitarismo, fica possuindo uma ideia
nítida do programa da União dos
Interesses Económicos. As suas pre-
tenções a governar directamente o
país são já notórias. Começam a
sua propaganda eleitoral, desmascara-
ndo assim uma parte dos seus
planos: querem substituir-se aos
políticos e esmagar os consumido-
res e explorar os produtores e hu-
milhar os homens por meio duma
ditadura. Estes pretensos ditadores
de macarronete cortado e de seda
Liberty são grotescos, mas são ter-
riveis. São estúpidos, mas estúpidos
são também muitos dos políticos,
sem que isso os tenha impedido de
ser ministros. A guarda republicana
supra a inteligência e o terror,
apoiado nos sabres, destrói o ridí-
culo, apaga a gargalhada na fisio-
nomia mais zombeteira, negrece de
luto o espírito mais ousado.

A ditadura dos que envenenam o
pão, falsificam o leite e assambar-
cam os géneros, é de efeitos fulmi-
nantes para todos os trabalhadores,
incluindo nestes os médicos, os es-
critores, os advogados e os artistas.
Atinge-os como homens, cercean-
do-lhes a liberdade de expressão de
pensamento e a liberdade de reunião;
atinge-os como produtores destruindo
as 8 horas de trabalho, baixan-
do-lhes os salários e impondo-lhes
regulamentos infamantes; atinge-os
como consumidores elevando o
preço de todos os produtos, sem
esquecer a fraude e o assambarca-
mento. E' o regresso violento à es-
cravidão antiga imposto pela força
inconsciente, cega e surda das ca-
sernas: soldados que disparam por-
que lhes mandam disparar, que ma-
tam porque lhes mandam assassinar,
com uma ignorância crassa e uma
obediência passiva. Aumenta a ser-
vidão e sob o pavilhão negro da
miséria os operários sofrerão, as
crianças e os velhos chorarão inu-
tilmente uma fome que se eterniza.
E que fazem os explorados para
reagir contra uma escravidão que
está iminente, contra uma miséria
que já se implantou nos seus lares?

Os ditadores do pano crú e do
pão negro ameaçam os políticos,
pondo-os de lado, atirando-os para
o ostracismo ou para o exílio. A
democracia, este arremedo hesitan-
te de democracia será escaqueira-
do com estrépito. E que fazem os
políticos para se defenderem duma
ofensiva que detem as riquezas do
país e conhece todo o formidável
poder corruptor do ouro?

Até agora estão impassíveis, co-
mo bonzos indus, numa indiferença
própria de quem habita a lua e to-
talmente ignora o que se passa na
terra. Desde as reliquias veneran-
das da propaganda até aos mais re-
centes abencerragens da república,
todos permanecem de braços cruza-
dos perante a audácia que diária-
mente recrudesce dos vampiros das
"forças vivas". A União dos Inter-
esses Económicos multiplica os seus
esforços, dá uma formidável expa-
nsão à sua propaganda: possui um
dos maiores jornais e arvorou o
país numa tribuna onde as vocife-
rações dos seus oradores ressoam bem
alto os seus improperios. Pois estes
políticos serão tão surdos que não
oçam as objurgatórias dos comer-
ciantes, tão poltrões que não repli-
quem asperamente, por dignidade ou
por simples instinto de conservação,
devolvendo insulto por insulto?

A luta contra a ditadura que que-
re erigir as patas da guarda repu-
blicana como símbolo da ordem e
a miséria como lei para os produ-
tores, tem de começar a organiza-
se. A ofensiva contra a mais cínica
das audácias tem de iniciar-se já, e
romper com formidável energia.
Amanhã, quando a ditadura tiver
triunfado, devido ao comodismo, à
indiferença e à covardia, será tarde,
demasiado tarde... Todos que amam
a vida e que a consideram inútil
desde que ela exista sem a liberda-
de, não se demorem em preparar
as suas armas. E' preciso que o país
que sofre e é explorado, faça ces-
sar essa propaganda de morte e de
ódio que o país dos exploradores
anda fazendo.

LEDE E PROPAGAI

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

incluída nos quinze dias atrás mencionados.
Quanto à aprendizagem, antes da revolu-
ção os jovens trabalhavam gratuitamente de
4 a 5 anos para ter qualquer noção do
seu "mister". A maior parte deste tempo
era gasto em serviços pessoais ao patrão.
O aprendiz não recebia nenhum salário.
Agora existem as escolas especiais, onde o
aprendiz recebe, durante três anos, não só
o ensino profissional, como ainda uma
educação geral.

Durante todo o tempo da sua aprendiza-
gem recebem salário.

Existem escolas de preparação especial
chamadas "Faculdades Operárias".
Estas escolas preparam os seus alunos às
escolas superiores, recrutando os estudan-
tes entre os operários, camponeses e solda-
dos do exército vermelho. Desta maneira
os operários das fábricas e oficinas podem
penetrar com o auxílio dos seus sindicatos
no domínio da ciência que lhes era outrora
inaccessível.

Ora, como se vê, as condições de tra-
balho na Rússia, não sendo ainda as que os
revolucionários mais avançados pretendem
e pelas quais lutam e são perseguidos na
quele país, chegam entretanto para enver-
gonhar democracias como a portuguesa,
onde estes assuntos são absolutamente des-
curados.

Que gritem, pois, os nossos burgueses
contra a Revolução Russa no dia em que,
com os seus panos quentes de reformismo
insincero, conseguirem ultrapassá-la.

DEUS É A POLICIA

Com o fim de auxiliar a polícia a desco-
brir a verdade sobre um crime extremamen-
te misterioso, o conselho municipal de Chi-
cago resolveu fazer preceder todas as suas
deliberações de orações recitadas em alta
voz.

Se a polícia espera por Deus para apa-
nhar o criminoso, pode este dormir tran-
quilo e sossegado, que nada de mau lhe po-
derá suceder.

Não sabemos se será com intuitos seme-
lhantes aos da polícia de Chicago, que o
comissário Ferreira do Amaral mantém tão
amistosas relações com os devotos da reac-
cionária Epoca.

No touril de São Bento

O Parlamento demonstrou, ontem, mais
uma vez, a sua falta de decôr. Em sinal de
protesto pelo decreto sobre comércio ban-
cário, os nacionalistas provocaram grande
tumulto, fazendo com as carteiras um in-
fernal sussurro e pronunciando frases violentas.
Esta desordem, que foi logo colaborada
pelos outros lados da câmara, tinha sido
premeditada de véspera. Em tal estado de
descredito o Parlamento caiu, que até já
chegam a provocar as desordens com ante-
cipação. E são estes homens que tão fraco
conceito têm de si próprios e duma insti-
tuição de que fazem parte, que fazem as leis
e pretendem que o país os respeite. Ainda
ousarão eles atacar o operariado e as suas
associações como algumas vezes têm feito?
Para que este não tivesse nenhum conceito
de dignidade e uma conduta escandalosa
bastaria inspirar-se nêles e imitar os seus
exemplos. Felizmente que os trabalhadores
em vez de os imitar condenam-nos e des-
prezam-nos.

A educação moral na família

VIII

A disposição das crianças

46—A criança rubijenta

Eu disse já que o temperamento da criança, o seu estado de saúde têm uma influência muito grande sobre a sua vontade e as suas aptidões para o trabalho. Todos nós temos observado que nas crianças como nos adultos, há estreito parentesco entre o que se chama temperamento, carácter e disposição.

Nos temperamentos bons, nos caracteres felizes, predomina a disposição alegre para os caracteres e temperamentos menos favorecidos, é o lote do mau humor. Entre estes dois tipos há numerosos tons intermediários.

Seja como for, tende a certeza de que isto ainda, o exemplo é soberano. A nossa disposição comunica-se sempre aos nossos filhos.

Bastará estarmos, tanto quanto possível, de bom humor? recalar, as nossas contradições para não afligir com elas os filhos? Não. Devemos ainda esforçar-nos por melhorar o seu carácter e lutar com êxito contra alguns defeitos da sua idade de que não falamos ainda.

Primeiro, a criança rubijenta! E' muitas vezes uma verdadeira infelicidade, é também algumas vezes uma falsa infelicidade. E' uma verdadeira infelicidade se a criança é doente.

Então, tratemo-la bem, sem nos enternecermos muito. Enternecemos-nos diante dela, agravamos a sua tristeza, e lá-la-hemos mesmo chorar. O falso desgraçado é a criança que se escuta a si própria, que se compraz no seu desgosto sem estar muito doente. A essa criança, mostremos bondade sem fraqueza, e não lhe digamos «Pobre criança, está muito triste!»

Não é assim que a curaremos. Mas a sua rubijenta não resistirá muito tempo a algumas boas palavras paternais e maternais pronunciadas com calma.

47—A criança colérica

Nunca demos o mau exemplo. Nunca nos encolerizemos, nem falemos a gritar, nem empregue palavras brutais ou grosseiras. Nunca sejamos loucos diante de nossos filhos, porque a cólera é uma loucura de alguns instantes. E se vosso filho tem, de tempos a tempos, o seu ataque de cólera, como se tem uma dor de cabeça, tratemos de ver se não há meio de atacar o mal na sua raiz, isto é, na sua causa. A criança não suporta a injustiça. Revolta-se contra um excesso de severidade. Isto junto a certas disposições naturais, pode produzir a cólera infantil. Quando esta faz explosão, conservemos o sangue-frio. Não vale a pena intervir logo, é inútil. Mas, passada a tempestade, se a criança não tinha razão, mostremos-lhe que a cólera é funesta, que faz mal à saúde. Não deixemos também de apelar para o seu amor-próprio, para o seu orgulho, fazendo-lhe compreender que, no dia em que souber dominar-se, será digna e forte.

Uma pergunta das 'Novidades'

Pergunta-nos as 'Novidades', a propósito dos comentários que fizemos sobre um telegrama referindo a representação, em Moscú, duma peça intitulada «A destruição da Europa», o que ficava deste continente se todos os países fossem como a Rússia. Diremos em resposta que a Europa envolveria por uma outra civilização mais nobre, mais igualitária, mais intelectual e mais justa. Desapareceria a exploração do homem pelo homem, tornando-se uma função social, organizado cientificamente, tendo em vista não a manutenção de privilégios e de privilégios, mas as necessidades humanas; desapareceriam todos os ódios de raças e de castas, fontes de desarmónia e pretextos maquiavélicos criados pelas ambições imperialistas das classes dominantes; desapareceriam, enfim, todas as divisões que levam os homens a degradar-se e a transformarem-se em sociedades em campos de batalha travada entre duas classes: uma que reclama o direito à vida para todos e a outra que o nega em nome de interesses egoísticos, de insaciáveis ambições servidas por superstições grosseiras e por forças cegas e inconscientes de violência e destruição.

A destruição do crime não implica a destruição da Europa. Ela ficaria inteiriinha com os mesmos rios, as mesmas montanhas e os mesmos vales.

A Conferência do Desarmamento

LONDRES, 23.—Nos meios bem informados diz-se que o governo acolheria favoravelmente a tentativa dos Estados Unidos para a reunião duma Conferência que tratasse da questão do desarmamento. (R.)

FACTOS DIVERSOS

Quem perdeu? Encontrase depositada na nossa administração um título de crédito da Caixa de Crédito Confiança, que se entregará a quem provar pertencer-lhe.

A RÚSSIA E A FRANÇA

PARIS, 23.—A Rússia tomará parte na exposição internacional das Artes Decorativas, devendo chegar a Paris uma delegação moscovita presidida pelo comissário do povo da instrução pública sr. Lunacharski (R.)

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15\$00
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração de «A Batalha»

Estranhável atitude!

O *Século* relatava ontem secamente, sem um comentário, sem um protesto, a prisão dum industrial de padaria, sob a acusação de ter injuriado, no Terreiro do Paço, o ministro da Agricultura quando este se encontrava no parlamento. Como aquele jornal é pertença das «forças vivas» estranhámos o seu desinteresse pela detenção do industrial que comentou com azedume o ministro, a uma distância respeitável do lugar onde este se encontrava. Quando o sr. Pereira da Rosa foi preso por organizar um movimento de franca rebelião contra os poderes do Estado, o *Século* fez um ruído enorme, gritou, clamou, esgançou que era uma inqualificável violência!

E então agora que é preso um industrial por um motivo cem vezes menos grave e importante o *Século* cala-se — não tuge, nem muge? Porque?

CONFERÊNCIAS

“O problema agrário,”

O académico sr. Mario de Castro, accedendo ao pedido que lhe foi feito pela Universidade Popular, repete hoje, às 21 horas, na sede desta instituição educativa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, a conferência que há dias efectuou na Universidade Livre, sob o tema «O problema agrário», sendo a entrada livre.

“O ideal humano”

Amanhã, pelas 14 horas, a convite da secção da Universidade Popular de Setúbal, realiza o professor sr. dr. Ferreira de Macedo, na Associação dos Trabalhadores do Mar daquela cidade, onde está instalada a mesma secção, uma conferência sob o tema «O ideal humano».

“Evolução e revolução”

Na sede da secção da Meia Laranja e promovida pela comissão de propaganda do Núcleo da Juventude Sindicalista, realiza amanhã uma conferência o nosso camarada Alfredo Marques, sendo o tema «Evolução e revolução».

Rendimentos dos operários

Depois de pensado no posto da Cruz Branca, foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde faleceu depois de ter recolhido à sala de observações, José Maria de 55 anos, natural de Lisboa, trabalhador, residente no Alto de Sete, Moimões, páteo Ventura 1 F que, nas obras a que andam procedendo na Escola Machado Castro, na rua Saraiva de Carvalho, caiu de um andaime, ficando muito ferido na cabeça e com fractura das costelas.

O DESMANCHAR DA FEIRA

Mais um escândalo financeiro

BERLIM, 23.—Acaba de descobrir-se mais um escândalo financeiro, uma sociedade de construção de prédios urbanos que havia recebido do governo, com o fim de edificar habitações para funcionários públicos, uma importante soma, emprestou esta a uma empresa de «films».

O escândalo é agravado com a circunstância de nele se encontrar envolvido o genro do actual ministro do Interior sr. Schide, cuja demissão parece iminente.

Nos meios políticos é admitida a hipótese do sr. Schide arrastar na sua queda todo o ministério Luther. (L.)

QUEDA FATAL

Ontem, quando seguia de Malveira para Fátima, uma carroça guiada pelo erroceiro José Fátio, de 40 anos de idade e na qual também vinha António Domingos de Matos, de 21 anos de idade, de Torres Vedras, ao chegar ao pé de Fátima, o veículo caiu por uma ribanceira, morrendo o carroceiro e o macho e ficando gravemente ferido António Domingos de Matos que recolheu à sala das observações do hospital de São José.

A indústria mineira na Inglaterra

LONDRES, 23.—Reuniu o Conselho Nacional da Federação Mineira, tendo decidido pedir a opinião dos distritos acerca do novo acordo que vai ser estudado na conferência de 20 de Fevereiro. Resolveram também aceitar o convite dos proprietários para estudar o estado actual da indústria e as possibilidades do seu melhoramento. (L.)

Rodas “Ocas”

A melhor para ligeiro. Chegou nova remessa. Diga-se pedida a FRANCISCO P. LATA. Tabacaria ou Quisque do Largo do Conde Barão.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Na enfermaria de São João Baptista, do hospital de Arroios faleceu ontem, Alfredo Soares, de 39 anos, jornalista natural e residente no lugar de A dos Barrigas (Arruda dos Vinhos) que ali foi agredido à paulada no dia 16 do corrente, tendo recolhido àquele hospital no dia 19.

Faleceu ontem pelas 15 horas, vítima de paludismo crónico, o criado de câmara Manuel Pinto. O funeral efectua-se hoje, pelas 15,30 saindo da Calçada de São João da Praça, 17-A loja para o cemitério do Alto de São João.

O aumento do preço da carne

Os proprietários dos talhos reúnem depois de amanhã a fim de publicamente desmentirem as declarações atribuídas pela imprensa ao sr. dr. Marques da Costa, presidente da comissão de abastecimento de carnes, a propósito da questão do preço da carne de vaca.

ESPERANTO

Nova Vojo—Reúne depois de amanhã a comissão administrativa desta sociedade esperantista operária.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extracções sem dor, a 10\$00. Consulta especial das 10 h. a 1. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 a 7, consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO
CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

NO LIMOEIRO

A remoção dos doentes para o hospital

O procurador da República dr. sr. Cesar dos Santos diz-nos que só no dia em que os presos da cadeia se revoltaram é que teve conhecimento de estar o António do Carmo atacado de varíola.

Do juiz sr. dr. Cesar A. Santos, procurador da República, recebemos a carta que segue:

Sr. Director.—A *Batalha*, de 20 e 21 do corrente, publicou dois escritos em que sou acusado de odiar e proceder desumanamente para com os presos, impedindo que sejam removidos das cadeias para o hospital, quando doentes, e de tal modo que, tendo-se declarado no Limoeiro um caso de varíola, o doente permaneceu na cadeia em condições de poder contagiar os restantes presos.

Oponho o mais formal desmentido a toda a acusação.

Não odio, nem podia odiar os presos, pela simples razão de que os não conheço. Não impedi, nem podia impedir que os presos fossem removidos, por isso, que não tenho competência para autorizar a saída de presos para o hospital.

Essa autorização só pode ser dada pelo Governo, se o preso estiver condenado, e pelo Presidente da Relação, se o preso estiver aguardando julgamento.

Com relação às cadeias civis de Lisboa, eu tenho apenas de assistir aos exames que os médicos fazem aos presos e de ouvir as reclamações contra a demora no andamento dos processos e ordenar providências, para que os julgamentos se façam com rapidez.

Quando ao resto, tenho apenas de limitar-me a transmitir as comunicações que me fazem e a cumprir as ordens que me derem.

Poderá, porém, dizer-se que tenho feito mais que isto que a lei manda que eu faça. Confesso que sim, confesso que tenho feito mais, mas tudo fiz em benefício dos presos.

Por minha ordem têm sido soltos centenas de presos para evitar que eles permanecessem na cadeia além do tempo legal. Não é das minhas atribuições mandar fazer exames aos presos para se verificar se estão doentes e precisam ser hospitalizados e, todavia, sempre e prontamente tenho mandado fazer esses exames, para que não haja demoras e o pedido chegue depressa, instruindo com todos os documentos, à presença de quem tem de resolver. Não é da minha competência mandar presos para o hospital e eu mandei dezenas deles. Mandei todos quantos os directores das cadeias me declararam que era urgente remover e nem de um só eu me recuzei a assumir a responsabilidade precisa para que a hospitalização se não fizesse demorar, evitando assim que pudesse agravar-se o estado do doente.

Concedida a necessária autorização, ficam nestas secretarias à disposição de quem os quiser examinar, os documentos que provam tudo quanto afirmo, designadamente as confirmações dos actos que pratiquei em benefício dos presos e que não estava autorizado a praticar, pois de tudo, como manda a lei, sempre dei conta ao governo, que também sempre confirmou tudo quanto fiz em nome dele.

Ora, sr. Director, quem assim procede e revela a mais decidida vontade de minorar o infortúnio dos que se vêm encarcerados, não podia ter feito, nem fez, qualquer acto que possesse importar odio ou perseguição aos presos. Se não dei ou, pelo menos, não solicitei rápida e prontamente energias providências para ser removido da cadeia para o hospital o preso António do Carmo, que estava atacado de varíola, foi só e unicamente porque à hora em que os presos se revoltaram contra a falta dessas providências, eu ignorava completamente que se houvesse dado o referido caso de varíola. Só às 11 horas da manhã da terça-feira 20, é que o director me informou do estado do preso e logo lhe declarei que podia fazer a transferência para o hospital, porque, embora me não competisse conceder a autorização, eu assumia toda a responsabilidade dela. De facto, segundo leio na *Batalha*, o director chegou à cadeia e mandou logo seguir o preso para o hospital. Minutos depois mandei entregar um ofício ao Presidente da Relação, em que eu pedia que fosse imediatamente autorizada a saída do preso para o hospital.

A declaração dos médicos e a participação oficial dos factos que me foram apresentadas, têm a data de 20 e só me foram entregues no dia 22.

Emprego, quem quer que seja a que prove que tive, por algum modo, conhecimento de que, na cadeia, estava um preso atacado de varíola, antes das 11 horas do dia em que ele foi internado no hospital, pois asseguro que o director, não só me não informou, como também não informou os srs. Ministro da Justiça e Inspector Geral das Prisões, não obstante ter estado com eles durante a tarde do dia anterior.

Ambos eles teriam logo providenciado, se a competente comunicação lhes fosse feita.

Pego e agradeço a V. a publicação desta carta na *Batalha* e esperando da sua dignidade que me não será negado este meio de legítima defesa, assino-me, com a melhor consideração.—Lisboa, 23-1-1925.—De V. etc. CESAR DOS SANTOS.

A ARTE E OS ARTISTAS

Na Sociedade de Belas Artes

Abre hoje, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a primeira exposição anual de modernistas. Visitámo-la ontem e dela recebemos a mais agradável impressão.

Foi o organizador daquele certame, o pintor Eduardo Viana, cujos trabalhos expostos se podem considerar admiráveis. São vinte os pintores que expõem, todos eles interessantes, salientando-se, sobretudo, a personalidade que os caracteriza.

Figuram, em homenagem póstuma, quadros dos falecidos artistas, Manuel Jardim, Guilherme Santa Rita e Amadeu Cardoso. Estamos convencidos de que a qualidade dos trabalhos apresentados, constitui a primeira consagração dos artistas que, rompendo na Arte, com as praxes e convenções estabelecidas, tanto têm lutado pelo triunfo duma arte mais moderna e de processos mais arrojados.

A fome não tem lei

Considerações breves sugeridas por um episódio ocorrido num gabinete ministerial

Pede-nos a sr.ª D. Maria Feio a inserção da seguinte carta aberta ao ministro do Trabalho:

Ao sr. ministro do Trabalho—Em todas as minhas formas de ser pessoais ou sociais, quer seja personalidade, actos, ideias ou destino, surpreendo as cogitações do meu instinto, esta missão e esta sina, simbolismo e medunidade precursora. Destinos tais, são sempre os mártires da sua época. Presentem as causas do mal social, anteveem os efeitos, vislumbram a razão que retemperaria e diminuiria o mal de esses efeitos. Mas ao tentar pô-la em acção, esbarram com uma muralha de complicações, de preconceitos, de ignorâncias culpas, de desdém delinquentes. E anteveem a aproximação de perigos e precipícios, tem de cruzar desoladamente os braços e dizer: aqueles que nada fizeram pela sua actividade construtiva, como disse Gaston Rastier ao antever os prejuízos da guerra entre a Alemanha e a sua pátria: «Que lástima que a voz dos precursors não seja ouvida a tempo!»

Eis a razão das minhas lágrimas choradas no gabinete de v. ex.ª numa hora em que a minha sensibilidade aguda, se exacerbava visto as reclamações do proletariado faminto que da reclamação fóra à exaltação, exaltando os nervos de v. ex.ª.

Ora eu creio que v. ex.ª, filho de um poeta genial que amou os humildes e sofreu pela sua defesa, seria capaz de salvar da miséria todos os desgraçados. Compreendo que não pode fazer milagres repentinos como ministro. Concordo que não é com violência e ameaças que se resolvem os problemas da crise actual. Mas, pensando assim não deixarei de bradar altoamente. E do lado do operário que está a fazer-se justiça as revoltas.

A fome não tem lei e é má conselheira. E vê-se um pai e uma mãe rodeados de crianças famintas que são o sangue do seu sangue, e ouvir o seu clamor de fome sem poder mitigá-lo, deve ser a mais angustiosa e requintada das sensações.

Que admira que o veneno da dor vá germinando em revoltas e azedumes convertendo-se em rastilho das explosões dinâmicas que tanto tenho combatido à custa dos maiores sacrifícios e padecer, aconselhando resignação, moderação, reconciliação de direitos e de deveres entre operários e patrões!

Ora eu, obreira gratuita e indefesa das transformações sociais, e o operário pintor que reclamava o pão dos filhos, estavam em igualdade de circunstâncias perante as reclamações que fomos fazer a v. ex.ª.

O operário pede o pão do corpo para os filhos que a tuberculose ameaça; eu reclamava apoio para dar o pão do espírito a essas turbas inquietas e agitadas pela impiedosa ameaça da derrota nas agónias cruciantes da miséria.

Ele exasperou-se à ideia de que ia regressar ao lar ainda mais um dia, sem levar aos filhos mais do que o desespero, a revolta de não poder salvar dessa penúria exasperante. E chorou, alterei-me porque há tantos anos reclamo em vão dos poderes do Estado, a base, a âncora firme e segura para desdobrar a acção de um apostolado doutrinarista que a estas horas poderia ter sido um baluarte de resistência moral preparatória de melhores condições económicas, e dique da corrente revolta que é inevitável na crise presente e alarmante.

Olho-me v. ex.ª com um olhar severo e perscrutador quando o operário reclamante levanta atrás de mim a sua direcção. Pensou talvez que eu sou instigadora de revoltas violentas? Enganou-se v. ex.ª. Se dou razão às reclamações do povo, se justifico as suas exaltações, não aprovo processos violentos nem rebelias que saiam fora da moderação, da disciplina e da civilidade respeitosa e correcta.

Mas nem por isso deixarei de dizer com toda a força do meu sentimento, da minha razão, do meu critério social. Sim, são eles os que têm a maior soma de razão, porque enquanto reclamam pão e trabalho para sustento das famílias, enxameiam pelos clubs da orgia e do luxo, da devassidão e da cocaína, ou estadeiam-se pelas ruas e recintos nobres da cidade, bandos de *coquettes* ou de *coquettes* opulentas, cobertas de peles e joias caras que lhes são fornecidas pela concupiscência de ricos libertinos e gananciosos, ou de políticos que têm defraudado os cofres do Estado e os direitos do povo, dando largas à devassidão, ao ócio, à imoralidade!

Sim, tinha razão o operário quando cá fora, no gabinete de espera, se queixava de não poder estar de pé por falta de alimentação denunciada na cor macilenta e na crispação de amargura que os olhos do meu coração viam com dor. Ao lado de esse revoltado estava um outro cuia magreza era tal, que a pele do rosto cobria apenas ossos descarnados. Condoída de esse aspecto, levantei-me para lhe dar o meu lugar. E no entanto, enquanto o operário, adivinhando o que se passava no meu coração, voltava para mim as suas queixas amargas, olhava-me, a mim e a ele, com desdém, dois cavalheiros de fisionomia séptica e irónica, um dos quais, mordiscando voluptuosamente um bom charuto, lançava para os ares, com frases de *snobismo*, as nuvens de fumo caro e delicioso do tabaco que se dissipavam no ar incensado de vaidades efêmeras, como os ilegítimos direitos de superioridade entre as classes que julgam poder impunemente possuir, gosar, dissipar, desprezar, ameaçar, em prejuízo das vítimas da presente organização social em falência.

E porque a verdade é aquela que o pensador concebe, que o poeta vislumbra, que o profeta declara e descobre, em que anda em vão mendigando a esmola do pão de espírito para a Pátria Mãe ceguinha, bradarei em prol de aqueles a quem se não dá nem o pão do corpo nem o pão do espírito fazendo desassombadamente a ministros, governos ou chefes de estado: «São eles que tem razão e é pelo povo humilde e sofrido que soltarei a voz do meu coração.»

MARIA FEIO

Sociedades de recreio

Academia R. Leais Amigos.—Realiza amanhã, às 13 horas, uma matineia nesta academia a Liga Pró-Moral. Os bilhetes distribuem-se na rua de Santa Marinha, 4.

Comando Geral de Artilharia.—Hoje, às 21 horas, baile.

Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia.—Realiza hoje uma recita em que toma parte o Grupo Dramático Carlos Harry; amanhã, concertos das 16 às 19 horas, pelas bandas Sociedade Filarmónica Inerivel Almades e Sociedade Filarmónica Alunos Esperança, e em seguida baile.

Grupo Excursionista «Os Camarteiros».—Reúne hoje, a assembleia geral às 20 horas.

O HORIZONTE TOLDA-SE

A reacção financeira, política e religiosa está afiando as espadas para ferir o povo

E' sempre perigoso mexer-se na barriga de certos animais de espécie inferior. A organização bancária é a barriga desses animais egoístas e inferiores que constituem as chamadas forças vivas, com as quais os partidos reaccionários e conservadores indignamente se solidarizam.

A reforma bancária foi o dedo que tocou na barriga dos bichos e, acto continuo, estes começaram a baralustar.

A reunião que as forças vivas tiveram anteontem na Associação Comercial traduz bem o estado de ânimo em que se encontram todas as forças conservadoras e reaccionárias.

Delirantemente, os Bancos de Portugal e Ultramarino foram aclamados, como bons, como os melhores, lançando-se assim ao país, que tanto tem sofrido com as manobras financeiras desses estabelecimentos, o pior e mais vexatório dos insultos.

O dr. Fernando Emídio da Silva, director do Banco de Portugal, assistiu à histórica reunião aplaudindo e agradecendo o ruído apoio que aquele estabelecimento os comerciantes amotinados tributaram.

Berrou-se, ameçou-se, insultou-se o governo, insinuou-se claramente a desordem—tudo em nome da ordem que o *Dia* escreve com letra maiúscula, entre frases de incitamento à desordem.

Nunca os reaccionários estiveram tão unidos, jamais o Capital e a Igreja estiveram tão estreitamente solidários na sua ânsia de oprimir e esmagar um povo.

Espumam de raiva. São as feras que concentram todas as suas energias antes de dar o salto, antes de cair sangunariamente sobre a presa adormecida.

Preparam o mais brutal movimento de reacção que se pode conceber. Tudo que possuía um leve ar de liberdade os perturba e enfurece.

O *Dia*, comentando ontem a situação, terminava o seu artigo com esta ameaça: «Quer-nos parecer que se está travando uma batalha campal, entre a Ordem e a Desordem e que o primeiro combate dessa grande batalha vai, nestas horas decisivas, jogar-se, com as maiores probabilidades de triunfo para os que, numa grande união nacional, compreenderem, enfim, que é urgente arrancar o país das garras de tantos energúmenos e salvá-lo deste bolxevismo canhoto que não é melhor do que o autêntico bolxevismo russo, de que pretende ser ridícula cópia!»

O povo deve estar alerta, porque talvez não tardar muito tempo que tenha de defender-se dessa horda bárbara que já afia as espadas para o degolar, depois de o ter roubado.

O JULGAMENTO DE MANUEL RAMOS

Foi confirmada a sentença pelo Tribunal da Relação

COIMBRA, 21.—A pesar-da indignação que causou a toda a gente a condenação de Manuel Ramos, por durante o julgamento aqui realizado se terem apurado todas as atenuantes para o crime que lhe era imputado, o Tribunal da Relação de Coimbra, com o seu mesquinho critério bairstista, para não desfazer a obra dos seus colegas, confirmou a sentença condenatória.—C.

DICKY a peça já consagrada pelo público e aplaudida pela cidade inteira segue carreira triunfal no palco do Nacional; é que ela recomenda-se pela graça com que está escrita, pelos esplendidos «trucs» de que está recheada, pela movimentada encenação, pelo delicioso cenário e sobretudo pela impecável interpretação.

Eden Teatro

(Telefone Norte 300)

Sensacional espectáculo

Pic-Nic

REVISTA FANTASIA
Compre: RITOMMO GOMES, da Trindade
NÚMEROS REPETIDOS

O maxixe, por Julietta Soares e Bill Ballen; fados todos a guitarra, por Adolfo Fernandes; J. V. Urraca e o Conselheiro, por Júlio de Figueira e Aurelio Ribeiro; A noiva, o noivo e o burro, por Ema de Oliveira, Santos Carneiro e o Quim e muitos outros.

O admirável bailado
OS BONECOS ARTICULADOS
Deslumbrantíssimos cenários e guarda-roupa
Os bilhetes são sempre vendidos sem locação

GRANDE SUCESSO!

À venda a 3.ª edição do sensacional livro de VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

AFONSO XIII DESMASCARADO

e o TERROR MILITARISTA EM ESPANHA

Tradução portuguesa autorizada pelo autor.—PREÇO 5\$00—Para a provincia mais \$80.—Pedidos à LIVRARIA RENASCENÇA—J. Cardoso, Ltda., Editores—Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29—Lisboa.

TEATRO APOLO

O AMOR DE PERDIÇÃO

COM ANTÓNIO PINHEIRO NO FERRADOR

Sexta-feira, 30: recita de JORGE GRAVE—As Duas Orfãs

DICKY

Hoje e todas as noites
a interessante
comédia em 4 actos

DICKY

Estão suspensas as entradas de favor

Ultimas notícias

Bomba que explode

Perto das duas da madrugada explodiu uma bomba de dinamite em frente da Estação Central dos Correios, indo os estilhaços atingir num pé o condutor 1025, Imas Pereira de Oliveira, de 21 anos, residente na travessa das Salgadeiras, que seguia no carro eléctrico 335 da carreira do Dáfundo para o Arco do Cego, e no resto o policia 281, Manuel Velasco da Silva, 29 anos, morador na rua da Glória, 104, 2.º. Foram conduzidos ao Hospital de São José num carro da Cruz Vermelha, tendo o policia recolhido à sala de observações e o condutor depois de pensado a sua casa.

CAMARA MUNICIPAL

As reclamações dos operários continuam por atender

O presidente da Comissão Executiva sr. Marques da Costa disse ter sido a Comissão Executiva encarregada pela Câmara na sua última sessão de apresentar o resultado do seu estudo quanto à importância a dispensar com a melhoria de salários pedida pelo operariado. Para dar conta dessa missão fóra o processo à Repartição de Fazenda a fim de fornecer os elementos necessários para seu estudo. A Repartição não pudera ainda satisfazer o pedido, pelo que o assunto só poderá ser tratado na próxima sessão.

Como haja algumas manifestações por parte de indivíduos que se encontravam no lugar reservado ao público, o presidente recomenda-lhes que se conservem silenciosos, sob pena de mandar evacuar a sala e o dr. sr. Marques da Costa lamenta a atitude dos que se manifestaram visto ter tratado com os operários, a quem atendia sempre amavelmente, de boa fé, expondo-lhe o caso de força maior que levava a adiar o assunto para a sessão seguinte. Declara não estar resolvido a trabalhar sob coacção.

O dr. sr. Beirão da Veiga em nome da minoria aplaude a atitude do dr. sr. Marques da Costa a quem declara dar todo o seu apoio.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

As recentes modificações feitas na revista *Pic-Nic* e as várias atrações novas nela intercaladas, mereceram o entusiástico acolhimento do público, que as tem aplaudido.

Para esta noite anuncia o cartaz do Nacional, a famosa peça *Dicky* que está conquistando um grande triunfo, pelo seu enredo entrecido e pela bela interpretação, que soube valorizar-lhe toda a beleza e curiosidade das situações.

—E' hoje o último sábado que se realiza no teatro Apolo a magnifica peça «O Amor de Perdição» que ali tem feito o mais notável sucesso.

Na próxima sexta-feira, vai a scena a interessante peça «As Duas Orfãs» em festa artística do distinto actor Jorge Grave.

—Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios um admirável programa em que serão executados, por todos os artistas que compõem a nova companhia de circo, os melhores e mais variados trabalhos.

Mr. Abbins, o arrojadissimo artista que executa a *sloping the loop*, entre outras desportivas, todas as noites na assistência uma grande admiração.

Agremiações várias

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufactores de Calçado».—Reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciar o regulamento *Vendedores ambulantes*.—Reúne a assembleia geral na próxima quarta-feira, às 20 horas.

Coliseu dos Recreios

HOJE — às 21 horas (9 da noite)

Grandioso e sensacional espectáculo de



Confederação Geral do Trabalho

A reunião de ontem do Conselho Confederal

aprovou um parecer sobre crise de trabalho e ocupou-se das pretensões da União dos Interesses Económicos

Para se ocupar do parecer que publicamos na primeira página sobre crise de trabalho, voltou ontem a reunião do Conselho Confederal, encontrando-se representados os seguintes organismos: Unions: Faro, Evora, Seixal, Almada, Porto e Lisboa. Federações: Rural, Construção, Civil, Curores e Peles, Tanoaria, Corteira, Livro e Jornal, Marítima, Sindicato Nacional: Arsenal do Exército, Arsenal de Marinha, Sindicatos Isolados: Têxteis da Covilhã, Mineiros de Aljustrel.

Do expediente constava: Ofícios do Sindicato dos Litógrafos de Lisboa pedindo delegados à sessão solene que promove no dia 1 de Fevereiro, para inauguração da nova bandeira, nomeado Artur Aleixo; da organização de S. Tiago do Cacem solicitando o envio de delegados ao comício que se realiza no dia 1 de Fevereiro, indicados Tavares Adão e Manuel Nunes; um pedido para que a C. G. T. se represente no comício a efectuar amanhã em Reguengos de Monsaraz, sendo nomeado M. J. de Sousa; ofício do Sindicato dos Mineiros de S. Domingos dando conta duma resolução tomada sobre a pretendida baixa de salários, que o Conselho tomou na devida consideração.

Depois de lido o expediente, M. J. de Sousa procedeu à leitura do parecer a que atrás aludimos.

José Jesus Gabriel, que inicia a sua discussão, diz que embora o parecer não o satisfizesse em absoluto, é forçoso reconhecer que as circunstâncias actuais não permitem um trabalho de maior fôlego.

Tavares Adão concorda com o documento em referência quanto à sua redacção. Porém, as medidas ali propostas é que não estão de harmonia com as exigências da actual situação do operariado.

Enquanto uma acção decisiva não se fizer a situação não se modifica e ao operariado existe-lhe o direito de protestar contra a ineficácia da acção sindical.

M. J. de Sousa, em resposta ao orador, descreve a função que está acometida à C. G. T., que não é semelhante à que compete ao Estado, quanto à situação dos *chomeurs*.

O parecer apenas exprime os desejos do último conselho confederal, e é dentro desse critério que ele foi elaborado, falando apenas aos organismos sindicais dar-lhe cumprimento e à C. G. T. orientá-lo nesse sentido.

O governo só se preocupará com a crise perante um movimento enérgico

Daniel Batalha reconhece que o influxo da organização vai do simples para o composto.

Dada, porém, a psicologia da multidão se a Central não canalizar a acção para um movimento enérgico, nem o governo escutará os clamores do operariado, nem a sua situação melhorará.

Em seguida ocupa-se da orientação de *A Batalha*, que em seu entender devia ser mais extensiva perante a crise.

M. da Silva Campos considera a crise um fenómeno adstrito à organização capitalista, que só com o desaparecimento desta ela poderá ser resolvida.

O curso do movimento a desenvolver pela C. G. T. terá que obedecer às possibilidades da organização e não aos desejos individuais que sendo muito, são por vezes o produto do nosso entusiasmo.

Se o movimento que é mister lançar obedecer a um critério de orientação, de método e de sistematização, ele terá todas as possibilidades de êxito.

Quanto à orientação de *A Batalha* ela apenas deve reflectir os desejos do conselho, e não tem sido diferente a sua conduta.

António Marcelino julga insuficiente a acção proposta pelo parecer, em presença da miséria que grassa pela classe operária.

A acção adoptada naquele documento já vem sido optada pelos organismos em algumas localidades, estando por isso já feita a agitação.

Em seu entender a C. G. T. devia forçar o governo a atender as reclamações indicadas pelos organismos operários, no inquérito de *A Batalha*.

Jerónimo de Sousa é de opinião que, acompanhando as reclamações operárias feitas ao Estado, se devia provocar um movimento de agitação que impusesse a vontade da organização, e assim se conseguiria evitar a redução de salários e o aumento das horas de labor.

Tavares Adão, que volta a falar, reforça as suas opiniões afirmando que poder-se-ia promover um movimento de forças nas ruas contra a crise, devendo a C. G. T. sair da morosidade com que vem tratando a crise.

Preconiza-se um movimento nacional

Alfredo Lopes satisfaz-se com as conclusões do parecer, que estão no espírito do orador antecedente, pois elas advogam a agitação necessária em benefício dos operários sem trabalho, forçando o governo em presença do movimento ali preconizado a atender as reclamações.

Em sua opinião deviam imediatamente sair os delegados para a província a prepararem o operariado para uma paralisação nacional de protesto contra a crise de trabalho.

Justino Camacho refere-se às condições em que se encontra a classe corticeira perante a crise de trabalho e baixa de salários, que já atingiu proporções assustadoras, crescendo a verdadeira miséria que existe naquela classe.

Em seu entender tem que tomar-se uma atitude decisiva de maneira a evitar que a situação ainda se agrave mais.

Manuel Nunes concorda com o parecer, faltando em sua opinião apenas materializá-lo.

A C. G. T. não deve ser o Messias salvador desta situação, mas sim cada um procurar contribuir para o seu debelamento.

A Central dos Sindicatos compete apenas coordenar o movimento impeditivo da baixa de salários e promover o movimento de agitação que force o governo a sair da sua apatia.

Alfredo Pinto julga suficiente a acção

nismo manifestado em redor da crise. O que é mister, acrescenta, é pôr em prática o parecer, imprimindo-lhe a acção conveniente com as circunstâncias.

José de Almeida também concorda com o parecer, atendendo a que não existe nenhuma possibilidade de se realizar um trabalho de maior vulto.

Em sua opinião a preparação ainda está por fazer, como o vem provando as manifestações operárias.

O movimento só poderá produzir os efeitos desejados quando os sindicatos e o operariado lhe emprestar o vigor indispensável.

A União dos Interesses Económicos vivamente atacada

O orador, em seguida, em palavras repletas de revolta reporta-se ao movimento da União dos Interesses Económicos, cujo carácter acientuadamente político considera perigoso, devendo opor-se-lhe uma sistemática acção que desfaça os desígnios dos seus organizadores, pela união de todos os revolucionários sociais, sem prejuízo das tendências de cada um.

António Monteiro diz que o parecer é suficientemente claro, e de harmonia com as possibilidades de momento. Considera a crise insolúvel, como uma consequência do fenómeno capitalista, mas o mais perigoso, na opinião do orador, reside no movimento em perspectiva para a baixa de salários.

A acção a desenvolver deve ser metódica e eficaz e promover-se um movimento activo contra a situação actual.

Quanto à união de todos os revolucionários o orador só considera isso possível no momento decisivo.

Manuel da Silva Campos também se ocupa da pretensão das "forças vivas" no movimento designado pelo da União dos Interesses Económicos.

Se amanhã triunfar dos seus propósitos a referida União as regalias operárias correrão sério perigo.

O triunfo dessas forças provocará a ditadura mais odiosa que temos vivido.

E o operariado para não perecer perante essa fatalidade deve procurar defender-se por um movimento inteligentemente conduzido, mas enérgico e decidido.

Não só a crise de trabalho nos deve preocupar, é forçoso reconhecer que a ditadura em perspectiva nos colocará numa emergência bastante perigosa.

A C. G. T. vai pautar a sua atitude perante o movimento das "forças vivas"

O orador, depois, apresenta a seguinte moção:

Considerando que comerciantes, industriais e financeiros, denominando-se "forças-vivas", estão desenvolvendo uma intensa actividade em que se descortina a intenção acientuada de se apossarem ainda mais, se tanto é possível, do poder, e isto com o único objectivo de exercerem uma violência maior sobre as forças proletárias;

Considerando mais que a realização de tal facto a situação dos trabalhadores será bem equivalente àquela em que se encontram as camaradas da Espanha e Itália, sob o jugo do despotismo reaccionário, o que constitui o maior perigo que espanta não só a organização, mas, e principalmente, o seu espírito revolucionário;

O conselho resolve realizar uma próxima e breve reunião para tratar exclusivamente da posição em que se encontra a C. G. T. perante a citada acção das "forças-vivas", e proceder convenientemente da defesa da organização e dos seus princípios.

O conselho, finda a sua leitura, aprovou por aclamação este documento, assim como o parecer em que incidiu toda a discussão.

Depois M. J. de Sousa lê a exposição a apresentar ao governo sobre as reclamações da organização operária respeitantes à crise e que se consubstancia nos desejos de vários organismos expressos no nosso inquérito, que o conselho igualmente aprovou, delegando na comissão elaboradora do parecer a execução dos objectivos ali delineados.

Antes de encerrar a sessão António Monteiro chama a atenção de Silva Campos para a posição que *A Batalha* deve seguir perante as resoluções tomadas.

ESCLARECENDO

Pede-nos Júlio de Campos a publicação do seguinte:

"Presado camarada redactor de *A Batalha*—Devido aos muitos afazeres só hoje li na 'Internacional' uma local que se refere à assembleia realizada no Sindicato Unico de Calçado, Curores e Peles do Porto. Como essa local, secamente publicada; tem deixado algumas dúvidas julgo conveniente esclarecer a organização em geral do que se passou na citada assembleia. Não deve ser desconhecido de todos que a nossa classe tinha saído dum movimento, aliás importante, no qual os seus militantes gastaram o melhor do seu esforço para fazer vingar um aumento de 25 %."

Porém devido à baixa cambial e a vários factores, o sindicato reuniu em assembleia geral e votou a desistência dos 25 %."

Pode-se imaginar o estado duma classe quando sofre uma derrota: é o êxodo até que passe esta má impressão. Foi o que nos sucedeu, logo após a reunião. A assembleia em que se devia apreciar o relatório dos delegados ao congresso, era composta de 24 sócios. Porém, quando o camarada José Silva apresentou a moção de adesão à J. S. V. só estavam 22. Pode-se ver por estes números que a ilusão de J. Silva, em querer dar um golpe mortal nas decisões do Congresso da Indústria de Calçado, Curores e Peles no tocante à Internacional seria acto contínuo de fôlego, porquanto, felizmente, o sindicato não tem apenas vinte e tantos componentes.

Isto creio ser já bastante para esclarecer. Sou seu etc., *Júlio de Campos*."

Lê-se o Suplemento de *A BATALHA*

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

A indústria de conservas em Olhão

Para tratar da crise de trabalho reuniu a classe dos soldados nomeando uma comissão para entrevistar o representante da associação industrial e pedir a reabertura imediata das fábricas. Em resposta foi dito à mesma comissão que alguns industriais há que lutam no presente momento com bastantes dificuldades para reabrir as suas fábricas, pois que não têm capital e os bancos só lhes facilitam pequenas quantias a quinze dias de prazo mas que diligenciarão, embora com alguns sacrifícios, reabrir as suas fábricas.

Como até à data nada tenha sido feito para atenuar este estado de coisas, a mesma classe resolveu pedir imediatas providências a quem cumpre solucionar a crise.

Há nesta localidade um total de 60 fábricas que comportam uns 2000 operários de ambos os sexos, estando apenas em laboração 5 fábricas e estas com trabalhos tão reduzidos, que impossível se torna o viver com tão magros salários.

Das restantes fábricas que estão encerradas consta-nos que algumas só reabrirão em Março.

A paralisação destas fábricas está mais que provado ser um «truco» dos fabricantes para provocarem a baixa de salários, pois que todas as fábricas com poucas excepções têm materiais para a confecção de lata vasia, portanto esses industriais praticam uma acção criminosa lançando os seus operários na miséria, só se lembrando de nós n'ocasiões em que abunda a pesca para lhes exigirem sacrifícios de 10 e 12 horas de trabalho, pois que esses excessos de trabalho lhes vão satisfazer a furiosa ganância de que sempre estão possuídos.

Este estado de coisas não pode por mais tempo continuar, torna-se urgente que o governo tome medidas rápidas e enérgicas, obrigando os industriais a reabrir as suas fábricas, ou então mobilizando-as imediatamente, entregando a sua laboração aos conselhos técnicos de fábricas e oficinas compostos de pessoal habilitado desde já a entrar nessas funções.—E.

Operários metalúrgicos sem trabalho

Os operários metalúrgicos sem trabalho reúnem novamente no sindicato, tendo falado vários oradores sobre o assunto e sendo aprovada uma moção para ser apreciada pelo conselho técnico.

Novamente se insiste com os operários desocupados, por que venham todos os dias inscrever-se à sede do sindicato, pelas 15 horas, a fim de facilitar os trabalhos da comissão, prevenindo-se que quem faltar três dias consecutivos será considerado como tendo trabalho.

O conselho técnico trabalha activamente no sentido de debelar a crise.

Hoje reúnem novamente pelas 15 horas.

Corticeiros de Belem

Em reunião dos operários corticeiros de Belem foi aprovada uma moção propondo à federação da respectiva indústria:

«Que a classe vá até onde as circunstâncias o permitam para que o governo aprove a reclamação do desenvolvimento da indústria;

«Que a Federação levante uma intensa campanha contra as pretensões dos industriais de exportarem prancha e pela abolição da portaria ultimamente aprovada que prejudica bastante a classe;

«Que em vista da improficuidade dos esforços da comissão que junto do governo vem tratando da crise, promova uma paralisação de trabalho em toda a indústria, que se prolongará até que os industriais ocupem todos os sem-trabalho, para evitar o desmantelamento da organização;

«Que a federação reúna até ao dia 25 do corrente para se ocupar do assunto.

Operários Mobiliários do Porto

Reúnem, na quarta-feira, 21, o Conselho Técnico e de Melhoramentos, para apreciar a crise de trabalho que atinge os operários da indústria e, tendo constatado que ela é provocada artificialmente pelos industriais para abaterem o espírito revolucionário do operariado e para conseguirem a baixa dos salários e o atropelo ao horário de oito horas, resolveu apresentar um trabalho sobre o assunto a uma reunião de militantes da indústria, cuja data será oportunamente marcada, e para a qual vão ser enviadas circulares a vários elementos, convidando-os a assistir e a apresentar trabalhos sobre o mesmo assunto.

Metalúrgicos do Poço do Bispo

Para, entre outros assuntos, se ocuparem da crise de trabalho, carestia da vida e pretensa baixa de salários, reúnem hoje, pelas 20 horas, os metalúrgicos da área do Poço do Bispo, na respectiva secção do S. U. Metalúrgico.

«A VOZ DO OPERÁRIO»

Uma carta da Comissão Administrativa

Em resposta à nossa local «Não cessa o escândalo», recebemos da Comissão Administrativa da «Voz do Operário» uma extensa carta que conclui pelo seguinte:—

1.º—Que é falso que da actual Comissão Administrativa façam parte indivíduos que fizeram parte das gerências ultimamente sindicadas. E desafiámos a que citem nomes.

2.º—Que é falso que se esteja demolindo toda a obra construtiva aqui feita.

3.º—Que é falso que aqui haja quaisquer abonos ilegais.

A contestação da Comissão Administrativa não teve ainda o poder de destruir as nossas afirmações, que aliás, também já foram expostas no órgão da própria sociedade, pela comissão de sindicância.

As irregularidades subsistem, o arbitrio impera sobre a vontade tirana dos indivíduos guindados àquela posição e a quem tanto assusta a acção dos elementos saneadores duma das mais antigas colectividades populares.

PELO SUL E SUESTE

A "competência" dos engenheiros

Se não fôssam os operários...

Recebemos da comissão administrativa do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, a seguinte comunicação:

«Tendo aparecido nos jornais de ontem, na notícia sobre a viagem de experiência da nova locomotiva tipo «Pacífico», fornecida aos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste por conta das reparações da Alemanha e que tem o n.º 301, a afirmação de que a montagem da referida locomotiva foi executada por engenheiros, este Sindicato opõe a essa afirmação o mais formal desmentido.

A montagem da referida locomotiva foi executada somente por operários e dirigida pelo mestre da respectiva oficina, não intervindo nesses trabalhos engenheiro algum.

A própria fiscalização na Alemanha tem sido feita por operários sob a direcção do chefe da secção técnica sr. Afonso dos Santos.

A máquina em questão não chegou em bom estado ao Barreiro, como se disse, depois da sua viagem de experiência a Casa Branca. Em consequência de ter sido forçada a fazer uma marcha, sem parar, de Vendas Novas a Píndol Novo, por exigência dos engenheiros que a acompanharam na experiência, a máquina chegou a Píndol com um aquecimento nos parafusos B. P., aquecimento que atingiu o rubro, o que motivou a sua entrada nas oficinas gerais para reparação.

Isto não se teria dado se a máquina tivesse feito aquele trajecto com as necessárias paragens para lubrificação, pois que sendo a primeira marcha que fez, tem todas as peças de movimento muito justas, exigindo uma lubrificação contínua.—A comissão administrativa do Sindicato.

Empregados do Comércio no Porto

Como resultado das divergências suscitadas no seio da União dos Empregados do Comércio no Porto, a propósito da adesão à C. G. T., um grupo de fobios deste organismo, arvorando-se em comissão organizadora da «Fénix Portuguesa dos Empregados no Comércio», lançou a classe um manifesto aliciativo desse embrião de organismo em que, com as mãos no chão e os pés para o ar, dizem baboseiras mil contra a central operária, das quais destacamos este bocadinho, que basta a demonstrar até onde vai a clarividência desses cavalheiros:

«Não se cobrará uma cota para sustento do Inquérito geral da C. G. T., mas sim para acudir às necessidades da classe, aos inválidos e aos desempregados!»

A «Fénix» renascendo das cinzas do passado, tende a recuar a todo o vapor para o mesmo passado, sem reparar que só caminhando para o futuro a par dos organismos que escouceira poderá alcançar as promettidas «conquistas morais e materiais para a classe».

O operariado alemão e a acção parlamentar

A tomada do poder pelos elementos nacionalistas, a pesar das últimas eleições de esquerdas, fez despertar a classe operária alemã, que principia a compreender que não tem nada a esperar dum parlamentarismo falido.

A pesar dos fracassos dos movimentos revolucionários passados, a classe operária alemã será sem dúvida obrigada dentro em pouco a tomar a acção.

A *Role Fahne* já convocou a classe operária para uma demonstração imponente a favor da amnistia.

O apelo, que ela lançou a público a este respeito diz o seguinte:

«Trabalhadores! Marchai contra o governo-Hörsing-Ebert! Levantai-vos contra a injustiça de classes, contra a aliança Negra-branca-vermelha e Negra-vermelha-ouro e dos agentes de Dawes!»

Queixas e reclamações

Coisas da justiça...

Joaquim Romão, preso na cadeia civil do Porto, queixa-se nos de que, estando preso desde março de 1923 e condenado em 4 a 6 anos, apenas lhe contam, para o cumprimento da pena, uma dezena de dias, por só agora ter respondido.

Este é um dos muitos casos, contra os quais já aqui protestámos, em que se comete a tremenda injustiça de não contar o tempo de prisão sofrida por culpa apenas do roneirismo dos tribunais.

A estupidez dum encarregado

Por conta da «Activa», está-se realizando na Fábrica Granelada, em Benfica, um trabalho de carpintaria, do qual é encarregado Manuel Joaquim. Este senhor chamou vários confraterneiros seus—de Tomar—que empregou no referido trabalho, despedindo os operários que lá tinham com a promessa de que lhes daria outro trabalho.

Entretanto, esses operários ficaram sem ter onde empregar a sua actividade, respondendo-lhes o encarregado com evasivas, sempre que o procuravam, até que ontem, mandou dois polícias receber um deles que o procurou em Benfica, tendo-lhe depois dito que não tinha trabalho para lhe dar.

Isto, numa ocasião em que os operários em Lisboa lutam com uma sensível crise de trabalho, constitui um acto estúpido e desonesto.

Procurou-nos Joaquim Simões da Silva, com oficina de serralharia na rua dos Mouros, 12-14, para nos dizer não ser absolutamente verdadeira a queixa, aqui inserta, do operário Francisco Pinto. Diz-nos ter recusado o pedido de 10800 por o Pinto lhe ter abandonado um trabalho, dizendo-lhe que lhe pagaria no sábado, que não tinha três dias de férias do operário, porque este lhe fazia constantes pedidos de pequenas importâncias, e que não mandara dizer pelo filho do Pinto que lhe dava uma bofetada, porque lho dissera pessoalmente numa discussão.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico.—*Conselho técnico.*—Reuniu na quarta-feira, apreciando a situação do pessoal metalúrgico em reparação a bordo dos navios «Traz-os-Montes», «Mormugão» e «Porto Aboim», nos quais os ajudantes têm sido substituídos por pessoal indicado pelo Sindicato dos Fogueiros, sendo resolvido tratar do assunto junto do mesmo sindicato.

Apreciado um ofício da Firma Agoa (Irmão) Ltd., sendo resolvido oficiar-lhe no sentido de prestar todos os esclarecimentos. E' tratada a pretensão da direcção da P. V. L. em formar turnos, sendo também resolvido que só sejam admitidos turnos enquanto existir a crise e que os mesmos tenham o horário seguinte: 8 horas de dia e 4 de noite, mas pagar a dobrar e os turnos alterados. Tomando conhecimento das *démarches* efectuadas junto dos ministros do Comércio e do Trabalho, e pedindo este último relação dos desempregados, bem como das casas onde o Sindicato julgue possível colocá-los. Resolvido concluir os trabalhos já iniciados.

Tendo alguns camaradas da limpeza de caldeiras pedido a interferência do sindicato para conseguir que a limpeza dos barcos «Minho» e «Granja», lhe seja incumbida, é resolvido convidar os mesmos a irem num próximo dia tratar do assunto com a comissão de melhoramentos junto do ministro das Colónias.

Tendo os operários da casa Parry & Sons vindo junto do Conselho protestar contra o artigo de *A Batalha* intitulado «O rateio de trabalho», alegando que a não fazer horas suplementares seriam despedidos seralheiros. O Conselho resolve manter as resoluções tomadas e perfilar a doutrina do mesmo artigo, e reunir em dia próximo o pessoal desta firma para tratar do assunto.

Comissão administrativa.—Reuniu ontem tendo constatado a necessidade de se reorganizar a biblioteca do sindicato, para o que vai enviar todos os esforços, promovendo o seu apetrechamento e convidando os sócios a frequentá-la. Resolveu atender uma pretensão do Comité Regional Anarquista e encarregar dois membros de elaborarem um parecer sobre o funcionamento das secções, para ser apreciado em assembleia. Resolveu responder a um convite do Teatro Juvenil, depois de consultar a U. S. O., e convidar os delegados a este organismo a assistir à próxima reunião da comissão administrativa. Constatou a inscrição de 87 novos sócios durante o corrente mês.

Empregados do Estado.—Para iniciarem a discussão da reforma do estatuto da sua respectiva associação, reúnem ontem em assembleia geral os funcionários públicos, tendo aprovado parte da reforma estatutária, passando a associação a denominar-se Sindicato Nacional dos Empregados do Estado, com secções profissionais e de serviço.

A assembleia foi 'presente uma carta do dr. sr. Baltazar Teixeira, deputado, do qual aquele sr. afirma já não ter atacado a classe dos servidores do Estado.

Esta assembleia suspendeu os seus trabalhos às 24 horas, devendo continuar hoje, à mesma hora e no mesmo local, isto é, na Associação de Socorros Mtuos dos Empregados do Estado—junto ao Arco da rua Augusta.

Compositores tipográficos.—A direcção previne que todos os sócios devem exigir do cobrador *O Gráfico*.

Sindicato U. C. Civil.—*Secção da Charneca.*—Reuniu em assembleia geral, tendo João Caldeira, delegado do conselho de secções, incitando os operários a organizarem-se para alcançarem as regalias a que têm direito. Foi nomeada a gerência para o ano corrente que ficou constituída

Pessoal dos Tabacos e Fósforos

Segundo deliberações, tomadas ultimamente pelas comissões de melhoramentos destas indústrias, ficou resolvido suspender a continuação das sessões de propaganda, não se realizando a que já estava convocada para o próximo domingo mas continuando as sessões efectuadas nas suas sedes sociais, onde só se manifestarão às classes interessadas.

Tribunal de Arbitros Avindores

Todos os árbitros operários devem comparecer hoje, pelas 21 horas, no Sindicato dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225-1.º, para tratar de assuntos importantes.

SOLIDARIEDADE

Em favor de Alberto Tavares

No dia 1 de fevereiro, pelas 15 horas, realiza-se uma festa de solidariedade a Alberto Tavares, vítima da reacção de Tóres Vedras, constando do programa: Variações de fado por Agostinho da Silva; ventríloquia por Carlos Baptista; canção nacional por diversos propagadores do fado; poesia, monólogos e canções por Ema de Abreu e diversos.

Uma festa no Sindicato Metalúrgico

Amanhã à noite realiza-se no Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas uma festa artística em homenagem ao nosso camarada Francisco Baptista, com o seguinte programa: *Sinfonia*, por uma tropa de bandolistas; *Los Francys*, Acrobacias olímpicas com uma volante de 10 anos; *Les Gaulois*, trapistas de salão; *Viriato*, argolista; *Les Crystallins*, acrobatas de mãos; *Los Farias*, saltadores excéntricos; *Canção nacional*, por vários cultiadores.

Nas oficinas dos Correios e Telegrafos

Esteve nesta redacção a pessoa que informamos os escândalos passados nas oficinas gerais dos Correios e Telegrafos. O nosso informador garantiu a veracidade do que aqui se relatou e declarou-nos assumir as responsabilidades do que aqui foi dito. Nada temos, pois, que rectificar tanto mais que os dois alvejados do sr. Joaquim Martins nada desmentiu, limitando-se a afirmar serem falsas as afirmações aqui feitas. Essa sua declaração é bastante vaza e inútil.

por: Alexandre José dos Santos, José Felizardo Cardoso, Luís Filipe Frazão, Júlio Joaquim Rodrigues e Júlio Semão Lourenço, para a comissão administrativa; Ernesto José Inácio, Decolindo de Almeida e Júlio Joaquim Rodrigues, para o conselho técnico; Policarpo Rodrigues e José Felizardo Cardoso, para o conselho de secções.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação Marítima.—A comissão administrativa às 21 horas.

Manufactureiros de Calçado.—A's 21 horas, as comissões administrativas actual e cessante.

Confeiteiros, Pasteleiros e Chocolateiros.—A assembleia geral para apreciação do relatório e contas da gerência de 1924 e nomeação de novos corpos gerentes.

S. U. Metalúrgico.—*Secção de Belém.*—A comissão administrativa, pelas 20,30 horas, com a presença do cobrador Marta.

Marítimos de Longo Curso.—*Pessoal de Cámaras.*—Assembleia geral, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes, e apreciação dos relatórios, moral e financeiro da comissão administrativa.

Devem nesta reunião ser nomeadas as comissões das secções do pessoal de cozinhas e criados.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Federação da Construção Civil.—Reúne na próxima quarta-feira, 28, o Conselho Federal.

Federação Corticeira Nacional.—Reúne amanhã, pelas 11 horas, o conselho federal para se ocupar da crise.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—*Secção Metalúrgica.*—Em reunião da comissão administrativa, foi resolvido convocar a assembleia geral para terça-feira, 27, às 20,30 horas.

Secção da Meia Laranja.—Reúne amanhã, pelas 16 horas, a comissão administrativa conjuntamente com a comissão de propaganda.

Secção dos Empregados no Comércio.—Reúniu ontem a comissão executiva, que entre outros assuntos resolveu abrir uma inscrição para uma aula de Educação Mútua, que deve ter o seu início no próximo mês.

Secção de Belém.—Realizam-se hoje as seguintes reuniões nesta secção: às 20 horas, a comissão executiva, juntamente com os cobradores; às 20,30 horas, a mesma comissão com o delegado da secção juvenil da Meia Laranja, José da Silva; às 21 horas, a reunião conjunta de todos os filiados, para um assunto urgente.

—Os camaradas que tenham em seu poder livros pertencentes à Biblioteca Juvenil, devem fazer a sua entrega, a fim de reorganizá-la a mesma.